O Padre Mororó

Ao estudar-se o drama commovente da Confederação do Equador, um dos maiores espantos é a injustiça que, até hoje, a historia tem feito ao padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó.

Ainda não vi nos livros, que levam ás escolas os exemplos do nosso civismo, o nome do padre Mororó apontado entre os martyres do sentimento republicano no Brasil. O grande sacerdote cearense foi esquecido lamentavelmente. No entanto, em todas as phases agitadas da nossa historia não se encontra um vulto que melhor e mais nobremente morresse que o padre Mororó.

A Confederação do Equador foi uma dessas revoluções que nascem mortas. Todos aquelles homens, que em Pernambuco, Alagôas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará se levantaram, para contrapôr ao golpe de Estado de Pedro I a fundação de uma Republica, não passavam de idealistas impavidos, mas sem nenhuma organização militar. Quasi todos elles tinham vindo da revolta de 1817, que fracassou tambem pela deficiencia d'armas.

Não houve um só que comprehendesse que as cinco provincias confederadas não podiam ter forças para resistir á esquadra de Cochrane e aos exercitos de Lima e Silva. Nem Paes de Andrade

com todo o seu ardor republicano, nem Barros, Falcão, coberto de glorias militares em Pirajá eram chefes para movimento tão grandioso.

Desde os primeiros dias que a agitação revolucionaria fôra um desastre. Lima e Silva quasi que não tem difficuldade de vencer os rebeldes no engenho de Sant'Anna, em Afogados, no forte das Cinco Pontas e no bairro de Santo Antonio.

Foi uma agitação desgraçada que não contou um triumpho de vulto em todos os combates, que sustentou. São insuccessos sobre insuccessos. Paes de Andrade é obrigado a fugir para um navio inglez. Tristão Gonçalves de Araripe, alma afoita, morreu trucidado ao atravessar o rio Jaguaribe. Na fazenda do Juiz o grosso dos republicanos, que de Pernambuco seguia para concentrar-se no Ceará, cae irremediavelmente nas mãos das tropas imperiaes. Frei Caneca, Agostinho Bezerra, França Camara, José Maria Ildefonso, Felix Antonio, os cabeças mais ardentes do movimento, são presos no desastre do Juiz. No Ceará o governo estava entregue a José Felix de Azevedo e Sá, tambem revolucionario, mas que, ao perceber os primeiros contratempos, persegue os proprios companheiros.

Em novembro de 1824 já o governo de Pedro I conseguia suffocar a revolta.

E começa a justiça...

Em Pernambuco havia a alma benevolente de Lima e Silva; a população inteira agarrava-se á esperança de perdões aos condemnados. No Ceará predominavam a infamia de José Felix e a ambição bajuladora de Conrado Niemeyer. Nada se podia esperar dos dois.

Ao entrar o anno de 1825 havia prenuncios das mais negras desgraças. Lima e Silva, de Pernambuco, não havia conseguido abrandar o cora-

ção de d. Pedro. Muitos dos republicanos enviados para o Recife tinham perdido a vida, fuzilados. Nem mesmo frei Caneca escapára, apezar do clero inteiro se ter movido junto do imperador. D. Pedro, o grande revolucionario, que se rebellou contra o pae, contra as Côrtes e contra a propria patria, não queria perdoar a Confederação do Equador...

Em Fortaleza, a justiça militar dirigida por Niemeyer trabalha com uma presteza de espantar. Installando-se o tribunal a 22 de abril, tres dias depois condemnava á forca o coronel João de Andrade Pessôa e o padre Mororó.

A execução do padre e do coronel fez-se na manhã de 30, daquelle mez. Houve necessidade de mudar o genero de morte dos condemnados. Em vez de forca fez-se o fuzilamento. Em Fortaleza não se encontrou ninguem que quizesse ser carrasco.

E' justamente no momento da morte que o padre Mororó se mostra a figura admiravel de martyr que não póde ficar esquecido pela nossa historia.

As chronicas da epoca descrevem a execução do grande padre republicano com uma solemnidade que vale por uma lição de civismo.

A manhã de 30 de abril de 1825 foi, por uma dessas ironias da fatalidade, uma das manhãs mais lindas e mais fulgurantes daquelle começo de anno.

De vespera, Niemeyer e José Felix, solicitos em vingar o imperador, tinham preparado tudo, para que nada faltasse no momento da execução.

Fortaleza, sob aquelle maravilhoso sol do norte, acordou como para uma festa. Era um espectaculo novo a que toda gente queria assistir.

A's sete da manhã os dois condemnados são entregues aos padres para a confissão.

Na praça do quartel, apinhada de povo, os

réos appareceram. Quasi ninguem conhece o padre Mororó, que está ao lado de Andrade Pessôa. Naquelles poucos mezes de cadeia os seus bellos cabellos pretos tinham ficado como uma pasta de algodão.

A brigada, sob o commando do major Queiroz Carreira, forma em quadrado para despir Andrade Pessôa das honras militares. No meio do largo ha um oratorio onde se vae fazer a desautoração das ordens sacerdotaes de Mororó. O padre recusa-se: troquem-lhe apenas a batina pelas roupas de réo. Vestem-lhe então a alva dos condemnados. A camisola não lhe vae além dos joelhos.

Mororó olha demoradamente a vestimenta, ageita-se dentro della, puxa-a para baixo o mais possivel para lhe cobrir os joelhos e, vendo a figura ridicula que fazia com uma alva tão curta, diz com um sorriso de ironia cortante:

—Louvado seja Deus, que até a ultima camisa que me dão é curta.

Rufam os tambores, sôam as cornetas. Vae começar a marcha em rumo do local escolhido para a execução. O padre está de uma serenidade que a todos assombra. Ao seu lado Andrade Pessôa, vae dar os primeiros passos. Naquella hora horrivel da sua vida, Mororó não se esquece de que é um homem educado—dá a direita a Andrade Pessôa. Ladeados pelos padres, os dois republicanos, no quadrado das tropas, seguem. As ruas cada vez mais se enchem. Nas janellas as familias apinham-se. Ha gente até trepada nas arvores e nos telhados. Mas toda aquella multidão está silenciosa e aterrada.

O prestito caminha para a capella do Rosario. Os sinos de todas as egrejas tangem a finados, entristecendo o fulgor daquella esplendente manhã de sol.

Ouve-se a missa que frei Luiz do Espirito Santo Ferreira celebra. Segue-se depois, lentamen-

te, a caminho da praça do supplicio. No meio do largo, num cajueiro ha um grupo de homens e creanças trepados. A carga é tão grande que, no momento em que os condemnados passam, o galho do cajueiro se parte e todo o grupo vem ao chão.

O padre Mororó estaca por um instante. Embora marchando para a morte, é o primeiro a rir do trambolho do pessoal do cajueiro.

Na praça em que se vae dar a execução, a multidão é tanta que a custo as tropas conseguem abrir passagem.

Mororó é collocado na columna da morte.

Um soldado traz a venda para lhe pôr nos olhos.

—Não, responde elle, eu quero ver como isso é.

Vem outro soldado para collocar-lhe sobre o coração a pequena roda de papel vermelho que vae servir de alvo. Elle detem a mão do soldado:

—Não é necessario. Eu farei o alvo.

E cruzando as duas mãos sobre o peito, grita arrogantemente para as praças:

—Camaradas, o alvo é este!

E num tom de riso, como se aquillo fosse uma brincadeira:

—E vejam lá! Tiro certeiro, que não me deixe soffrer muito!

Houve na multidão um instante cruel de anciedade. Tinha sido ordenada a pontaria. Todo o vago rumor do povo cessou completamente.

—Fogo!

A descarga estrondou.

O padre tombou sem vida. A seus pés tinham caido tres dedos da mão que as balas deceparam.

VIRIATO CORRÊA.